



Mídia e memórias: explorações sobre a configuração dos *palimpsestos* de memória étnica italiana na recepção¹

Jiani Adriana Bonin
PPGCCOM, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS²

Resumo

A pesquisa *Mídia e memórias, palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção* tem por objetivo investigar a memória étnica de imigrantes e descendentes de imigrantes dos grupos italiano e argentino, buscando compreender como as mídias participam da configuração destas memórias e como se relacionam com outros agentes neste processo. O propósito deste texto é explicitar a problemática desta investigação e discutir dados advindos de uma primeira etapa da pesquisa empírica com sujeitos do grupo italiano, relativos à constituição das memórias e às marcas da ação da mídia e de outros agentes que nelas se expressam.

Palavras-chave

Midiatização da memória; memória étnica; recepção; italianos.

1. Introdução

O fenômeno de emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades atuais, de uma *cultura da memória*, fortemente marcada pela atuação da *Indústria Cultural* tem sido objeto de preocupação de vários autores.³ Num cenário de midiática da sociedade, que acarreta transformações nos ordenamentos das mais diversas dimensões sociais, as mídias passam a operar também no âmbito da produção das memórias sociais, participando dos processos de configuração e transformação destas memórias no universo da recepção.

Um âmbito importante para pensar a ação das mídias é o relativo à constituição da memória étnica. Neste sentido, é possível verificar um investimento histórico e atual de mídias e gêneros diferentes em torno desta modalidade de memória, seja a relacionada a descendentes de imigrantes de grupos que vieram no período da colonização,⁴ seja de outros grupos de imigração contemporânea⁵. Isto me levou a

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, Evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Coordenadora do grupo de pesquisas PROCESSOCOM. E-mail: jianiab@uol.com.br

³ Entre eles Huyssen (2000, 2005), Canda (2002), Montesperelli (2004).

⁴ Ver neste sentido Bonin (2007).

⁵ Ver os trabalhos de Cogo (2006) e Oliveira (2006).



formular indagações sobre a ação da mídia na configuração da memória de sujeitos destes grupos, no âmbito da recepção; sobre as memórias que são construídas/ativadas/atualizadas e os esquecimentos que aí se instituem; sobre as possíveis relações entre mídia e outros âmbitos de constituição desta memória e as lutas simbólicas que aí se expressam.

Estas questões nortearam a proposta da pesquisa *Mídia e memórias: palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção*,⁶ que estou desenvolvendo. Seu objetivo geral é investigar os *palimpsestos*⁷ de memória étnica de descendentes de imigrantes e de imigrantes italianos e argentinos,⁸ buscando compreender como as mídias se instituem como lugares configuração destas memórias e como se articulam com outros agentes. Neste texto, proponho recuperar delineamentos teóricos relacionados à problemática da pesquisa e discutir dados advindos da etapa de pesquisa exploratória, no intuito de pensar as pistas que trazem em relação ao objeto investigado.

2. Delineamentos teóricos da problemática

Em relação às problemáticas teóricas que estão sendo trabalhadas na pesquisa,⁹ recupero aqui dois eixos: o primeiro, relativo ao debate sobre a memória coletiva e o segundo, referente à ação das mídias nos processos de constituição das memórias.

Maurice Halbwachs trabalhou o conceito de *memória coletiva* para pensar a dimensão social da memória. Para ele, a memória individual se assenta e se organiza com base em quadros sociais; carrega consigo a dimensão social dada pela linguagem, pela inserção do indivíduo num contexto social e em relações de pertencimento; ampara-se e constitui-se nas relações que o indivíduo mantém com os demais membros de seus grupos de pertença. A memória coletiva, nesta perspectiva, é pensada como a seleção, interpretação e transmissão de certas representações do passado a partir do ponto de vista de um grupo social determinado (HALBWACHS, 1990). O pensamento do autor acentua o caráter seletivo da memória social, sua força quase institucional, seu

⁶ O projeto desta pesquisa, sob minha coordenação, iniciou em fevereiro de 2006. Conta com financiamento da UNISINOS (estrutura e bolsa de iniciação científica) e da FAPERGS (bolsa de iniciação científica).

⁷ A noção de *palimpsesto* é utilizada por Martín Barbero (1997) para pensar a trama de textos e de matrizes culturais presentes nos gêneros e por Martín Barbero e Germán Rey (2001) para pensar em textos nos quais “*um passado apagado emerge tenazmente, embora imprecisamente, nas entrelinhas escritas pelo presente*” (p.63). Aproprio-me aqui desta noção para fazer referência à trama de referentes, midiáticos e não midiáticos, que se cruzam e se inscrevem na memória étnica dos sujeitos.

⁸ A escolha destes grupos foi feita levando em conta sua presença na mídia, particularmente a regional e para pensar distinções que se dariam por conta das diferenças destas migrações (histórica/contemporânea) e de cobertura na mídia.

⁹ Em Bonin (2006) trabalhei linhas de problematização teórica desta pesquisa, algumas delas resgatadas aqui.



papel de reforço na coesão social pela adesão afetiva ao(s) grupo(s) de pertencimento. Isto não significa que não reconheça sua interação com a dimensão individual da memória; ela é pensada como um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo e as relações que mantém com outros âmbitos sociais.

Levando em conta esta perspectiva, já se afigura a idéia de que uma memória de grupo unificada (tanto quanto a de sociedade) é problemática. Se tal memória existe, só pode ser fruto de cruzamentos e integrações de distintas memórias (e da instauração de diferentes formas de esquecimento), como bem observa Montesperelli (2004). O conceito de memória coletiva conserva fecundidade para pensar formas de consciência do passado de alguma maneira compartilhadas pelos grupos étnicos. É possível admitir que estes grupos partilham certas “*percepções fundamentais*”, *marcos sociais de memória*, como propõe Candau (2002). Mas, no interior destas configurações, cada indivíduo pode impor seu próprio estilo, estreitamente dependente de sua história, dos contextos vivenciados, entre outros fatores. Entretanto, nesta perspectiva não se problematizam os conflitos e as relações de poder na constituição das memórias.

Pierre Nora traz uma noção produtiva para esta discussão, a de *lugares de memória*, que remete a uma unidade significativa, de ordem material ou simbólica, a que a vontade de homens (grupos) e, ou o trabalho do tempo converteram num elemento simbólico de uma determinada comunidade/grupo. A idéia de fabricação subjaz nesta definição e permite pensar que os lugares de memória são móveis, produto da articulação de memórias plurais, mais ou menos antigas, com frequência conflitivas e que interatuam entre si, passíveis de reinterpretações diversas e, inclusive, de tornarem-se lugares de esquecimento.

Numa outra linha, a partir de uma perspectiva construtivista, Pollack (1989) também contribui para a problemática, ao deslocar as preocupações para os processos, sempre conflitivos, as disputas e os atores que intervêm na configuração das memórias. Nesta linha, os marcos sociais de memória são o resultado, nunca adquirido definitivamente, de conflitos e compromissos entre vontades de distintas memórias. Diferentes grupos e agentes competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes sobre a memória dentro da sociedade e em seu conjunto.

Seguindo este autor, é importante considerar a função da memória como “*operação coletiva dos acontecimentos e interpretações do passado que se quer salvar*”, que “*se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de*



reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades”. Significa considerar que ela serve para manter a coesão dos grupos, reforçar sua identidade, mas também suas oposições com outros grupos, fornecendo um quadro de pontos de referência, o que leva este autor a propor a noção de *memória enquadrada* para pensar a construção de memórias sociais por agentes diversos, atentando para o trabalho de fabricação (que inclui por exemplo a escolha das testemunhas autorizadas a falar) e de controle sobre a memória que aí se realizam.

Isto me leva à segunda linha de problematização, a questão da ação das mídias nestas memórias étnicas. Os conceitos de *midiatização* e de *cultura midiática* buscam pensar as alterações substantivas em termos do redesenho dos modos como a sociedade se estrutura, produz significados, se comunica, se reproduz e se transforma no decorrer do processo de expansão e inscrição das mídias nos diversos âmbitos sociais. Neste processo, a mídia se institui como modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido (MATA, 1999). Considero, com Henn (2006, p.179), que as mídias passam a constituir um “*lugar privilegiado para os agenciamentos envolvendo a memória coletiva e, sobretudo, o enquadramento da memória.*” Esta noção de enquadramento também é recuperada pelo autor desde a perspectiva da hipótese do *agenda setting*, em sua proposta de que os produtos noticiosos não apenas definem uma agenda a ser pensada mas também as formas como pensar estas questões, a partir daquilo que incluem e excluem, das hierarquizações e dos enfoques propostos, segundo suas lógicas próprias, definindo portanto o que da realidade é relevante. Nesta linha, é possível pensar nas mídias como produtoras de enquadramentos que podem incidir na configurações das memórias dos grupos, bem como na instauração de esquecimentos.

Por outra parte, é importante levar em conta as modificações atuais da memória em sua relação com a transformação da estrutura da temporalidade social e da experiência do tempo, provocada pela intersecção complexa entre mudança tecnológica, mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global, assim como em relação à planificada obsolescência dos objetos cotidianos pelo mercado – da qual faz parte a acelerada sincronicidade produzida pelos meios. Estas, aliadas ao descentramento das ancoragens identitárias, parecem levar à vitória do presente e instauram o risco da amnésia. Entretanto, paradoxalmente, parecem gerar também um desejo de passado, que expressa a necessidade de ancoragem temporal que sofrem as sociedades (e os grupos) cuja temporalidade é atingida pela revolução tecnológica informacional, manifestando a transformação profunda por que passa a estrutura de



temporalidade que legamos da modernidade. Transformação que desestabiliza o lugar do passado como lastro e faz da *novidade* a fonte de legitimidade cultural (MARTÍN BARBERO; HUYSSSEN, 2005).

Numa discussão que se articula a esta, Martín Barbero (2002) fornece outras pistas para pensar a ação das mídias sobre as memórias, ao refletir sobre a fragmentação dos relatos que se instaura via o que ele chama de ecossistema discursivo dos meios, com suas linguagens e escrituras específicas. As mídias instauram novos modos de narrar, condicionados por seus dispositivos, gêneros e linguagens, potenciando a coexistência de códigos e relatos diversos, que incidem sobre a experiência de conformação dos relatos de memória. A experiência multifacetada da recepção hoje, configurada por múltiplos *palimpsestos* midiáticos de memória, assim como as especificidades da gramática narrativa dos relatos midiáticos instituem uma experiência de fragmentação/proliferação dos relatos.

Na esteira destas proposições, penso que a memória étnica deve estar sofrendo transformações e que a mídia pode estar atuando tanto como agente importante de configuração e transformação dos *lugares ou enquadramentos de memória* – produção marcada por suas matrizes, seus gêneros, suas modalidades narrativas e sua racionalidade de produção de sentido – assim como de esquecimentos. Entretanto, em sua configuração, é possível pensar que se inscrevem marcas coletivas/individuais fabricadas em *outros lugares*: marcas que vêm da experiência cultural e vivencial dos sujeitos, constituídas desde seu lugar social, dos contextos de seu mundo da vida e das redes de relações que aí se estabelecem – que podem ser pensados como mediações (MARTÍN BARBERO, 1997). É atentando para o jogo conflitivo entre estes *outros lugares* e a ação da mídia que se abrem possibilidades produtivas para entender a conformação destes *palimpsestos* de memória, dos conflitos que os marcam e do sentido particular que adquirem.

3. Pistas da pesquisa exploratória com italianos

A pesquisa empírica está sendo concretizada em duas etapas: uma exploratória,¹⁰ recém concluída, que objetivou, a partir de uma amostra diversa, recolher pistas para deslindar aspectos da problemática investigada, assim como orientar a execução da

¹⁰ Esta etapa foi realizada com uma amostra de 18 italianos e de 13 argentinos, de composição diversa em relação à escolaridade, profissão, sexo e trajetória de vida, a partir de uma entrevista semi-estruturada.



etapa sistemática da investigação.¹¹ Para fins desta discussão, trago dados de duas entrevistas da etapa exploratória, realizadas com um imigrante italiano (homem, 26 anos) e um descendente de imigrante italiano (mulher, 51 anos), escolhidos por apresentarem configurações diversas de memória e de ação da mídia nestas memórias. Ao mesmo tempo, eles revelam certas recorrências encontradas em outras entrevistas realizadas nesta etapa. Na seqüência, reconstruo os relatos de cada entrevistado a partir de dois eixos que interessam à problemática e que nortearam a entrevista exploratória – *agentes/cenários de memória* e *referentes de memória*, tanto midiáticos como comunicacionais – buscando perceber pistas de suas relações, imbricações e conflitos.

a) *Maria do Rosário*

Atualmente com 51 anos, esta dona de casa tem segundo grau completo, a é filha de pai nascido na Itália e de mãe brasileira. Nasceu no Uruguai e, aos 19 anos, veio morar em Bento Gonçalves (RS). Há 9 anos vive em Novo Hamburgo (RS). Em seu relato, percebe-se que o *pai* foi um agente importante na construção de uma memória de natureza familiar sobre sua infância na Itália, as brincadeiras, o trabalho, os parentes que lá ficaram, que vão se revelando ao longo da entrevista como significativas no sentido de constituir laços afetivos com a Itália e a cultura italiana. Também foi responsável pela transmissão da língua (dialeto) além de outras práticas culturais, como a alimentação, que ela diz ainda conservar atualmente.

Nesta trajetória de migrante, Maria construiu vínculos e relações significativas com *descendentes de italianos* nos lugares em que morou. O lugar em que viveram no Uruguai era, de acordo com seus relatos de memória, situado numa região de muitos vinhedos e o pai mantinha relações com descendentes de italianos que conservaram a língua. A vinda para Bento Gonçalves aparece como marca significativa de constituição da sua memória e pertença italiana, de natureza diversa daquela constituída nas relações com o pai. Ali, nas *relações comunicacionais do cotidiano*, onde se destaca a *família extensa*, lembra de ter vivenciado e incorporado hábitos e práticas culturais italianas da região, além de passar a compartilhar da memória dos antepassados da família do marido (descendente de imigrantes italianos) a partir do seu casamento, das dificuldades vividas e dos seus costumes, principalmente pela *sogra*. Em seu relato também

¹¹ Esta etapa será realizada com uma amostra de sujeitos participantes da primeira etapa, considerando distinções que se mostrem relevantes para entender a configuração das memórias midiaticizadas nestes grupos, através de relatos de vida étnica comunicacional/midiática, observação e fotografia.



aparecem marcas de uma memória da repressão vivenciada pelos familiares do marido durante a campanha da nacionalização, que foi transmitida nestas redes de convivência familiar. Neste contexto, destacam-se também cenários “institucionalizados” de relações com a memória e a cultura italiana: *festas*, como a *Fenavinho*, da qual participou trabalhando em uma das edições;¹² *museus*, como o de Bento Gonçalves, marcante também porque a sogra colaborou com o acervo doando uma peça fabricada pelo avô e a *Casa de Pedra*,¹³ de Caxias; as *vinícolas* da região, através de visitas e passeios promovidos pelas mesmas. Nestes cenários, a memória é configurada por vários agentes e é submetida, entre outras lógicas, também à comercial e turística. Seu relato permite ver que estes cenários atuaram na constituição de referentes de uma memória local (Bento Gonçalves) e regional (Região da Serra Gaúcha) e de uma vinculação afetiva e de pertença a este lugar e região italianos.

Na memória de referentes midiáticos aparecem com relevo aqueles advindos das mídias locais e regionais (Bento Gonçalves, contexto da Serra Gaúcha). Na *Rádio Bento*¹⁴ lembra de escutar um programa em italiano, com piadas e notícias da região; no jornal *O Semanário*,¹⁵ recorda de uma coluna escrita em italiano. Um tema que lembra ter visto neste e em outros jornais é relativo às festas *ExpoBento* (Feira de Indústria e Comércio de Bento Gonçalves) e *Fenavinho*. Mas as marcas mais significativas aparecem nas lembranças de documentários assistidos na RBS TV (ela aponta como marcantes), onde se pode vislumbrar um certo modo de enquadramento constituindo os sentidos desta memória, calcada nas dificuldades, no espírito de empreendimento, em valores como força de vontade, perseverança e na exaltação das conquistas dos imigrantes:

Eu vi nesses documentários (...) mostrou desde que eles chegaram, todas as dificuldades que eles passaram quando eles chegaram aqui, até conseguir construir uma estrutura que facilitasse um pouco mais a vida deles. Eles chegaram aqui sem nada e tiveram que plantar pra conseguir comer, caçar o que aparecesse no meio do mato para conseguir alimentar a família e aí mostraram o que eles conseguiram hoje, o que significa pro Estado hoje o fato deles terem vindo. Porque se tu imaginar que eles chegaram aqui com

¹² Conforme o site oficial (<http://www.fenavinhobrasil.com.br>), “A FENAVINHO, iniciada em 1967, na cidade de Bento Gonçalves, Serra Gaúcha, constituiu-se, através do tempo, no maior evento vitivinícola do País. É a responsável direta pelo início do desenvolvimento deste que é um dos maiores pólos econômicos do sul do Brasil.”

¹³ O museu ambiência *Casa de Pedra* é dedicado à reconstrução do modo de vida doméstico dos inícios da colonização italiana na cidade. O maior atrativo é a própria casa, conhecida popularmente como a Casa de Pedra, construída no final do século XIX pelo imigrante Giuseppe Lucchese e seus filhos. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Ambi%C3%A2ncia_Casa_de_Pedra. Acesso em 18/06/08.

¹⁴ A *Rádio Bento 1070 AM* compõe o grupo RSCOM, antiga Rede Serrana de Comunicações, constituída em 1983. Está localizada na cidade de Bento Gonçalves. Disponível em: <http://www.radiobento.com.br>, acesso em 19/06/09.

¹⁵ O jornal *O Semanário* está sediado em Bento Gonçalves, tem duas edições semanais e conta com tiragem de oito mil e quinhentos jornais. Disponível em: <http://www.jornalsemanario.com.br>, acesso em 15/06/08.

os filhos e uma trouxa de roupa e mais nada, e deram um pedaço de terra num encosta de terra e hoje tu vê cidades como Bento, Caxias, Farroupilha e Garibaldi! Bento foi considerada um ano atrás a segunda melhor cidade pra viver, saúde, saneamento, tudo mais. Como aquela trajetória conseguiu dar um resultado como esse! É uma questão de admiração por saber que pessoas... chega até a emocionar, pessoas que chegaram aqui com fome, sem dinheiro, que foram distribuídos que nem animais praticamente “Tu fica aqui, tu fica ali”. (...) Mas eles com a perseverança, a vontade, a garra, conseguiram fazer uma cidade como Bento, como Caxias, que são pólos na economia do Estado, muitas até do Brasil. Eu acho que isso é uma coisa que a gente tem que tirar o chapéu e bater palmas, porque eles conseguiram.

Este enquadramento da memória italiana, pelo que pude observar em pesquisa anterior (BONIN, 2007), está presente na cobertura regional que a RBS realiza deste grupo étnico. Mas se pode suspeitar que foi constituído também no contato com outras mídias locais e regionais e nas relações comunicacionais vividas no contexto de Bento Gonçalves, entre outros possíveis cenários. Neste sentido, é possível pensar que a mídia televisiva regional, no caso a RBS, figura como agente importante na instituição desta matriz de enquadramento da memória étnica, mas também se articula com a seleção do passado trabalhada por outros agentes deste contexto local/regional.

Além destes referentes de uma memória midiaticizada, Maria também lembra de ter assistido telenovelas que falavam sobre a história dos italianos, embora não consiga especificar quais. Ao observar sua fala ao ser solicitada a avaliar como a mídia brasileira mostra os italianos, pode-se perceber que ela assume o ponto de vista relativo ao enquadramento anterior (local/regional) como aquele que deveria orientar a construção da memória, expressando sua força ao contestar referências provavelmente advindas da memória de telenovelas, como se pode ver no trecho seguinte do seu relato:

Eu acho que poderia mostrar um pouco mais e dar o valor que eles realmente têm (...). Principalmente o italiano que veio na época pra região de São Paulo, ele é como se fosse muitas vezes um escravo que veio substituir o negro na época da abolição. (...) O italiano que veio na época substituir aquele pessoal que trabalhava nas plantações de café, ele também é mostrado até hoje como uma pessoa sem valor e muitas vezes não é dado o valor que ele teve. Eu acho que deveria ter um documentário, alguma coisa que mostrasse o que ele conseguiu fazer e o que hoje significa ele ter vindo pra cá, pro Brasil, pro Estado, a importância do que ele deixou hoje, do que ele tem feito hoje e como ele chegou aqui. Vê que ele não foi um substituto ou uma pessoa sem valor que veio pra plantar café, mas foi uma pessoa que teve muita coragem pra lutar, pra enfrentar os obstáculos que ele encontrou que foram muitos e conseguir vencer.

Em seu relato, ela também cita referentes midiáticos globais que passa a constituir sua memória relativa à Itália. Neste caso, a televisão italiana (*RAI*) e a Internet parecem tanto preencher lacunas de uma memória relativa à Itália construída na relação



com o pai como fortalecer os vínculos afetivos com este país. Aqui, as lógicas e os agendamentos destas mídias também passam a instituir-se como referentes desta memória, que vão se articulando com aquela configurada na relação com o pai.

(...) e a gente assiste todo dia a TV italiana que a gente pega na TV a cabo, a RAI. A gente assiste sempre, principalmente nos domingos de manhã que eles mostram uma região da Itália, mostram desde as paisagens, a gastronomia, a economia, tudo tu vê ali, tu aprende muita coisa, te mostram muita coisa. (...) eu vejo hoje a TV que me mostra a parte da Itália e eu sinto que, é como se tu tivesse vivido outra vida e tivesse sido lá e hoje tu sente que ainda tem um pedaço que está lá. É uma coisa estranha, até difícil de explicar, mas eu sinto isso.

Até esses dias eu entrei na Internet e andei navegando pra conhecer a cidade, porque eu não conheço, só sei daquilo que ele [o pai] contava pra gente. Eu vi que é uma cidade muito linda, com prédios históricos, fiquei louca de vontade de conhecer, de passear por lá. Ele contava que ele pescava, brincava na neve, eles cultivavam parreiras, então ele trabalhava desde pequeno colhendo uvas. Mas ele achava aquilo muito bonito, ele conseguia passar pra gente, fazia aquela imagem do lugar, uma coisa que tu sente saudade. Mas em função da crise, da Guerra, ela achou melhor vir para a América, tentar.

O consumo de música italiana também é apontado como referente de memória da italianidade, atualizado na escuta cotidiana. As músicas da telenovela, assim como de cantores italianos e brasileiros constituem parte da configuração desta memória. “*Eu estou sempre ouvindo, eu comprei aquele temas de novelas em italiano, ele tem o Fortíssimo [coletânea] que é música italiana. Eu adoro! Tudo que eu faço, eu faço ouvindo esses CDs. Eros Ramazzotti, Renato Russo em italiano*”.

É interessante notar que estas memórias são constitutivas de uma identidade italiana que, embora pareça ter mais relevo, coexiste com outras memórias e posições de identidade, como a uruguaia, a brasileira e a gaúcha:

(...) eu sou uruguaia, nasci lá, mas é que desde pequena eu tive a influência, o meu pai falava em italiano, o meu pai ensinou a minha mãe a fazer as comidas da Itália. (...) Eu me sinto brasileira, mas eu acho que a porção italiana fala mais alto, não sei o porque. [sobre sentir-se gaúcha] Claro, até porque no Uruguai tinha os costumes, eram “gautios” também, aqui os costumes continuam sendo parecidos e até porque eu moro aqui há 34 anos, tenho dois filhos e casei com um gaúcho.

b) Giovanni

Este jovem-adulto, de 26 anos, com segundo grau completo, nasceu na Itália, onde viveu até os 15 anos. Veio para Novo Hamburgo viver com o pai, onde trabalha numa empresa que vende equipamentos para calçado. Está a 11 anos no Brasil. Os relatos de Giovanni permitem pensar que *a experiência de migração para o Brasil*



representa uma marca importante na sua memória: num primeiro plano, porque o levam a experimentar e vivenciar um novo contexto, onde passa a se relacionar com referentes culturais distintos, com práticas e significações relativas à italianidade e à memória italiana constituída no contexto da imigração italiana no Rio Grande do Sul █ que também passam a constituir suas memórias; num segundo plano, relacionado a este, porque esta experiência, da qual participam as mídias e suas construções relacionadas à imigração italiana, além das relações comunicacionais, também se instituem como elementos de alteridade e de afirmação da memória anterior à imigração para o Brasil.

A experiência da imigração, na trajetória deste jovem, não se configura como ruptura com relações pessoais e com referentes relacionados ao país de nascimento. Isto porque, além das viagens anuais à terra Natal, o jovem relaciona-se quase que diariamente com familiares, amigos e pessoas do mundo do trabalho na Itália, através principalmente de ferramentas digitais como o *Messenger*, o *skype* e os *emails*, além do telefone e de cartas. Também entra em contato com a realidade italiana através de *sites* na Internet e de jornais. Estas relações midiáticas se instituem como cenários aonde a memória de relação com o país e com a cultura italiana vão se constituindo e se atualizando nas condições da migração. Uma memória, em se tratando da mídia, submetida à lógica da atualização constante com fatos e acontecimentos agendados e enquadrados pela mídia jornalística principalmente.

Entre as mídias através das quais o jovem toma contato com o país, a Internet se destaca e nela particularmente o rádio via Internet, que afirma escutar diariamente desde que chegou ao Brasil, atualizando-se em relação às “*notícias diárias*” em particular “*da região onde morava*”. Uma das rádios que cita é a *Monte Carlo*, que escuta através do *Windows Media Player*. Nesta escuta também se destaca a relação com a *música* do país, elemento importante desta memória em constante atualização, que ainda é alimentada pelo consumo de DVDs e CDs de música italiana, comprados particularmente quando viaja para a Itália.

Cita também *filmes italianos* (não especifica quais) que costuma comprar ou que as pessoas trazem para ele da Itália, como referentes destas relações com o país. *Jornais impressos* do país (*Corriere Della Sera*; *La Gazzetta Dello Sport*) também são indicados como elementos de constituição desta memória recente, mas sua compra é mais esporádica, acontece quando faz viagens a São Paulo a trabalho.

Na memória de italianidade, constituída na infância e adolescência na Itália que continua vigente, alimentando a pertença, destacam-se referentes relativos à



religiosidade, às fortes relações familiares, à língua – e particularmente os dialetos e sua história - à música e à culinária, além de lembranças relacionadas às condições de vida na Itália. Outra marca da memória familiar é a experiência da Guerra vivida pelos avôs, que se configura pelo que ouviu e pelo que foi silenciado.

É interessante perceber que estas marcas de uma memória constituída nas relações comunicacionais do cotidiano vivido na Itália (onde a família, entre outros, parece ter sido um cenário importante) são mobilizadas enquanto elementos que vão alimentar processos de distinção com o que seria uma italianidade à brasileira (relativa à memória e à cultura italiana constituída no contexto do Rio Grande do Sul). Neste sentido, as experiências vividas no novo contexto, tanto no âmbito das relações comunicacionais como midiáticas, vão se configurando como memória de alteridade, distintiva daquela relativa à vida na Itália. Isto porque o jovem não reconhece esta memória como sua, mas como outra, distinta. O que revela a persistência de marcas significativas da vida na Itália que continuam vigentes na constituição de sua memória e sentimento de pertença, como matrizes que funcionam como operadores de apropriação desta outra memória.

o que eu me lembro de cultura, de tradição é bem diferente do que a gente vê aqui da cultura italiana, que é tudo polenta, galeto.(...) talvez as pessoas que trouxeram a tradição italiana pra cá, é do final do Século XVIII, então, se passou um século, então é uma diferença. As músicas que a gente escuta aqui dos italianos é uma música bem mais antiga. (...) Os descendentes dos imigrantes italianos da época, eram de uma outra situação, outra realidade, antes da Guerra ou no próprio período de Guerra.

Concretamente, a relação com a cultura e a memória italiana no novo contexto se faz em espaços comunicacionais como também através da mídia. Em relação aos espaços comunicacionais, um importante cenário é a *Società Italiana de Novo Hamburgo*. Sua participação dá-se enquanto professor de italiano – atividade que realiza há três anos – e este espaço é para ele um lugar de rememoração “*pra eu lembrar do meu italiano. Eu vim pra cá com 15 anos, então se eu não praticar o meu italiano bem como eu pratico o português daqui talvez mais 15 anos eu vou esquecendo*”. Neste espaço ele parece desempenhar um papel de agente de constituição de uma memória da cultura relativa à Itália e aos italianos. Já participou também de festas e eventos promovidos por esta associação, e de outras festas italianas da Serra Gaúcha, como a *Festa do Queijo*, em Carlos Barbosa.

A memória advinda da mídia regional é definida por ele nos seguintes termos: “*a raça italiana é sempre bem vista em qualquer aspecto*”. Esta fala expressa o



reconhecimento de uma linha geral de construção desta memória na mídia regional. Por outro lado, ele questiona certos enquadramentos de memória da cultura italiana presentes na mídia e em outros cenários, a partir de seus referenciais de memória da Itália, reafirmando a distinção do italiano da Itália em relação ao brasileiro. Isto se pode ver melhor no seguinte depoimento, quando ele é solicitado a avaliar este modo como a mídia mostra a história e a cultura dos italianos:

Do que eles dizem, dá pra acreditar em 70%, porque tem umas coisas que são um pouco aumentadas talvez porque parte da mídia é vender. [sobre o que eles “aumentam”] Talvez sobre os costumes. Todo mundo acha que as músicas, *La bella polenta* que se escuta em várias festas, *Massolini di Fiori*... São coisas de 150 anos atrás. Uma pessoa que hoje mora na Itália, talvez a primeira vez que vai escutar vai ser aqui, numa festa italiana em Caxias do Sul. Mas pra eles aqui é o que se escuta lá, pras pessoas que não conhecem. (...) Pararam no tempo, porque a descendência já veio de pessoas bem mais antigas. Eu mesmo, quando me aproximei da Sociedade Italiana, teve certas coisas que achei diferentes. As pessoas diziam ‘Ah, porque na Itália se come salame, copa, queijo.’ Não sempre, não é todo dia que tu senta na mesa pra comer isso. (...) Como a idéia de criar o galeto, prá que o galeto? Na Itália não existe nenhuma galeteria. Porque os descendentes tiveram que comer o que eles tinham, talvez existisse galinha, tinham aves, talvez eles tiveram que matar aves pra poder comer. O jeito que eles assavam, tudo foi criando a cultura do galeto. Polenta frita não se come na Itália. Isso tudo é típico do lugar, a mesma coisa servir massa com polenta, com galeto, com carne de porco, não é cultura italiana isso. Cultura italiana é o primeiro prato massa, nhoque, capeletti, segundo prato carne com salada e depois o doce. Já a cultura brasileira pode ter várias coisas e misturar tudo.

Ao ser indagado sobre o que faria se tivesse que realizar uma reportagem relativa à memória italiana, ele reafirma a legitimidade de uma memória relativa a sua vivência e conhecimentos da Itália, adquirida também através de estudo (aqui também a história participa):

Uma coisa muito importante, que eu sei e que eu já estudei embora o italiano seja a língua que é falada em toda a Itália, toda cidade, mesmo que seja pequena, tem seu próprio dialeto. Então, se na Itália existem seis mil e novecentas cidades, tem seis mil e novecentos dialetos, um diferente do outro, que no passado era um meio de comunicação que o povo de outra cidade não podia entender o que era comercializado em tal cidade. Então, eles criaram o próprio dialeto pra se diferenciar e o concorrente não poder entender. Só que isso foi até logo depois da Segunda Guerra, agora as pessoas já estão perdendo esse costume. Isso é uma coisa que faz parte da história, que é muito bom saber disso, muito poucas pessoas sabem disso.

Giovanni reconhece também outras significações negativas na construção dos italianos na mídia, “*tipo as novelas, que teve várias oportunidades onde o italiano é visto como mulherengo... na área comercial, é sempre o cara que passa a perna. A parte mafiosa do italiano, mas eu também não dou importância*”. Aqui também se

destaca uma memória midiática de construção do italiano a partir de estereótipos, que é questionada e recusada como memória legítima.

Uma marca forte nesta memória midiática relativa aos italianos é a telenovela *Terra Nostra*. Dela marcaram o casal de protagonistas, a língua, que funciona tanto como elemento de identificação como de distinção e, ainda, sua repercussão e negociação nos grupos de relações aqui e da Itália, onde a novela também foi veiculada. Nota-se que foi objeto de negociação e de significação nestas relações no período, o que também parece ser um elemento importante na constituição destas marcas de memória.

Eu me lembro que na época que deu a novela Terra Nostra, até pelo meu nome. (...) Até porque eles falavam bem italiano na novela, razoavelmente, não bem, bem, bem, mas dava pra entender. Talvez isso que me marcou mais. A produção dessa novela passou em seguida na Itália. (...) Eu sei que todo mundo gostou lá, até inclusive lá a minha mãe estava olhando. Só que lá é dublado, então as pessoas falam em italiano, então não dá pra saber certo as duas línguas. Lá é tudo em italiano, mas todo mundo gostou. (...) a gente ria quando a pessoa falava errado, quando falava certo “Ah o cara pronunciou certo ou não”. Isso sim. É talvez foi essa novela aí que marcou mais o diferencial.

No caso deste jovem, é possível ver que a memória relativa à Itália é constitutiva da sua identidade. Ele se define como “*italiano morando no Brasil*”, mas também diz sentir-se um pouco brasileiro: “*me sinto brasileiro talvez no falar, no lidar com as pessoas, saber já como as pessoas aqui reagem em certas ocasiões, o lado social. Sinto-me italiano no sentido da minha cultura, da minha infância, de onde eu vim como eu fui criado.*”

c) Considerações sobre as pistas obtidas nos relatos de memória

Para finalizar, recolho as pistas que a reconstrução das memórias realizada anteriormente nos oferecem sobre o objeto investigado. Os dados relativos à memória destes dois entrevistados – assim como de outros participantes da pesquisa exploratória – permitem ver que a mídia atuou na constituição de suas memórias relacionadas à italianidade. E que, nesta atuação, embora com intensidades e composições distintas, articulam-se mídias diferenciadas como televisão, rádio, jornal impresso, cinema e internet; de caráter local/regional, nacional e global; de gêneros diversos. O que aponta para um atravessamento pluri-midiático na composição dos *palimpsestos* de memória destes sujeitos, realidade que se intensifica com os processos de midiaticização.

Tentando pensar mais especificamente esta atuação, vemos que a mídia local/regional participa da configuração de certos enquadramentos de memória nos dois



casos, ainda que o resultado desta participação seja diverso. Entretanto, há também fortes indícios de que outros agentes e cenários participaram da constituição deste tipo de enquadramento verificado (familiares, “institucionalizados”), articulando-se à mídia local/regional para produzir a seleção do passado relativo aos italianos na região.

É interessante perceber que, embora a mídia local/regional colabore na produção destas marcas de memória sobre o grupo italiano no contexto do Rio Grande do Sul, sua presença nos *palimpsestos* de memória destes entrevistados diverge no modo como se relacionam com outros referentes de memória construídos em cenários distintos. Se no caso de Maria estas marcas parecem se articular a outros agentes/cenários em relações de complementaridade, no caso de Giovanni se instituem como lugares de conflito, de produção de alteridade, frente a outros constituídos no contexto italiano e que são assumidos como legítimos. Já no caso das telenovelas, presentes nas marcas de memória midiática dos dois, a relação de alteridade se produz de modo mais marcado na memória de Maria, que questiona a construção da memória italiana na telenovela a partir do enquadramento local/regional, enquanto Giovanni parece expressar tanto reconhecimentos quanto distinções na relação com esta memória.

A relação com mídias (televisão, jornais impressos e internet) que veiculam conteúdos relativos à Itália parece instituir-se como lugar de produção de uma memória mais recente relativa ao país, cuja legitimidade em princípio não foi questionada por nenhum dos entrevistados. Estes referentes, submetidos à seleção destas mídias a partir de suas lógicas, seus agendamentos e enquadramentos, passam a compor os *palimpsestos* de memória destes sujeitos e a alimentar os sentimentos de pertença, complementando memórias construídas a partir de relatos familiares (caso de Maria) ou de experiências e de relações comunicacionais e midiáticas vividas no país (caso de Giovanni).

As memórias dos dois entrevistados não se reduzem ao que advém da mídia, mas alimentam-se também de referentes advindos das relações comunicacionais cotidianas vividas historicamente com sujeitos destes grupos. A família – e dentro dela certos agentes em cada caso – parece ter um papel relevante na constituição da memória étnica; os relatos sugerem que as marcas e matrizes de memória constituídas nestas relações são significativas mesmo para aqueles que viveram a experiência da migração e se expressam na constituição das relações e memórias midiáticas, em arranjos de complementariedade e, ou de alteridade.



Referências bibliográficas

BONIN, J. Mídia e memórias: delineamentos para investigar palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 133-143, mai./ago., 2006.

_____. Mídia televisiva regional e identidade étnica: a RBS e as configurações da identidade italiana na recepção. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 9, p. 91-103, mai/ago, 2007.

CANDAU, J. *Antropologia de la memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

COGO, D. *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*. Rio de Janeiro: E-papers; Brasília, DF: CSEM, 2006.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiática. *Revista Fronteiras – Estudos midiáticos*, v.8, n.3, p.177-184, set./dez. 2006.

HUYSSSEN, A. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.) *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. p.22-36.

MARTÍN BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. El futuro que habita la memoria. *PCLA Revista científica digital*, São Paulo, n.3, p.1-18, abr./mai./jun., 2001. Disponível em: <www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista7/artigo%207-1.htm>. Acesso em: 10/08/2005.

MARTÍN BARBERO, J. REY, G. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC, 2001.

MATA, M. C. De la cultura massiva a la cultura mediática. *Diálogos de la comunicación*, n. 56, p. 80-91, out. 1999. Disponível em <www.felafacs.org/dialogos>. Acesso em: 20 de março, 2002.

MONTESPERELLI, P. *Sociologia de la memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

OLIVEIRA, R. *Identidades argentinas dinamizadas nas relações midiáticas e comunicacionais de um grupo de imigrantes argentinos, residentes na cidade de Porto Alegre/RS*. 2007. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em: http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf